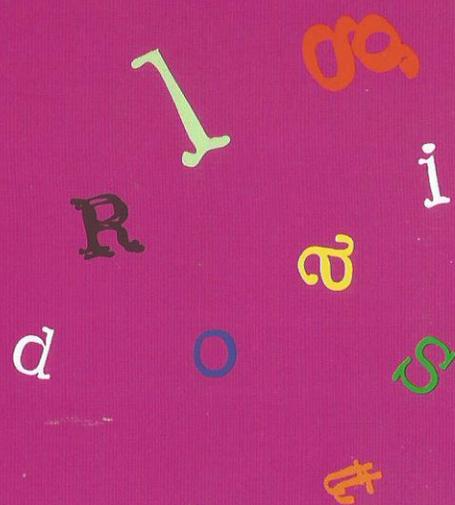


Língua portuguesa e ensino  
reflexões e propostas sobre  
a prática pedagógica

Darcilia Simões  
(Org.)



Darcilia Simões  
(organizadora)

LÍNGUA PORTUGUESA E ENSINO:  
Reflexões e Propostas Sobre  
a Prática Pedagógica

Aira Suzana Ribeiro Martins  
Claudio Artur O. Rei  
Claudio Manoel de Carvalho Correia  
Darcilia Simões  
Denilson Pereira de Matos  
Deolinda Carrilho  
Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu  
Paulo Osório  
Rosane Reis de Oliveira  
Tania Maria Nunes de Lima Camara  
Vania L. R. Dutra



FACTASH EDITORA



Hagedo Edições

São Paulo – 2012

A reprodução não autorizada desta publicação, total ou em parte,  
constitui violação do *copyright* (Lei 5.988)  
Todos os direitos reservados.

*Projeto editorial:* Tarlei E. de Oliveira  
Wilton Garcia  
*Diagramação:* • Tarlei E. de Oliveira  
*Capa:* Wilton Garcia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Simões, Darcília (org.)

Língua portuguesa e ensino : reflexões e propostas sobre a  
prática pedagógica / Darcília Simões (organizadora). – São Paulo:  
Factash Editora, 2012.  
Vários autores.

14 x 21 cm, 270 p.  
ISBN 978-85-89909-90-7  
Bibliografia

1. Língua portuguesa 2. Ensino 3. Semiótica 4. Educação  
5. Linguagem

CDD 469

**Conselho Editorial**

Eliana Meneses de Melo (UMC)  
Eneus Trindade (USP)  
Luciano Maluly (USP)  
Rick Santos (SUNY)  
Wilton Garcia (FATEC)



**FACTASH EDITORA**  
Rua Costa, 35 – Consolação  
Cep 01304-010 – São Paulo-SP  
(11) 3259-1915  
factash@gmail.com

## Sumário

Prefácio .....	7
Apresentação .....	13
Norma e estilo no emprego da pontuação .....	17
Aira Suzana Ribeiro Martins	
Produção escrita e potencial estilístico da língua portuguesa .....	59
Claudio Artur O. Rei	
Competência semiótica, percepção e desenvolvimento das interpretações .....	91
Claudio Manoel de Carvalho Correia	
O texto literário e o enriquecimento do vocabulário .....	123
Darcília Simões e Rosane Reis de Oliveira	
Uma abordagem funcional para o estudo da oralidade .....	159
Denilson Pereira de Matos	
A linguisticidade como determinação da realização hermenêutica .....	195
Deolinda Carrilho e Paulo Osório	
Leitura na escola básica: preocupações pedagógicas .....	217
Tania Maria Nunes de Lima Camara	
Competências e habilidades para a leitura na perspectiva do(s) letramento(s) .....	235
Mária Teresa Tedesco Vilardo Abreu	
Competências e habilidades para a produção de textos .....	251
Vania L. R. Dutra	
Perfil dos Autores .....	271

## Competência semiótica, percepção e desenvolvimento das interpretações

CLAUDIO MANOEL DE CARVALHO CORREIA

O ser humano possui, como uma de suas características primordiais, a capacidade de abstração, a condição de simbolização através da manipulação e operação com signos, entidades representativas, que tem como objetivo a capacidade de gerar significados a partir da representação da experiência existente no mundo que o circunda. Esta característica de manipulação de signos tem sido associada a uma das capacidades humanas fundamentais que diferenciam o ser humano dos animais, na medida em que a condição para o uso de símbolos é uma atividade dependente de uma capacidade de abstração que rompe com os elos da experiência direta, introduzindo, na geração dos signos, representações da experiência prévia. Antropólogos e paleontólogos não podem associar essa capacidade como um fator e condição específica que permitiu a evolução do homem nos primórdios da história humana,<sup>1</sup> constituindo-se, também, como a capacidade geradora e perpetuadora da evolução, no processo de geração de culturas, sociedades, leis, religiões e, sobretudo, línguas.

O desenvolvimento do homem está, portanto, profundamente relacionado com essa capacidade de simbolização, diferenciando-o de

---

1: Lenkey (1995) em seu livro *A Origem da Espécie Humana* dedica um capítulo inteiro, intitulado *A Arte da Linguagem*, para as teorias que discutem as relações entre o desenvolvimento da linguagem e a evolução da espécie humana.

outros organismos e demonstrando, no curso evolutivo da espécie, a condição de adaptar-se ao meio através da aquisição desse sistema simbólico. Culturas foram constituídas por signos e seus ensinamentos ancestrais passaram através de outro sistema de signos, a linguagem. Os signos permeiam, portanto, toda a existência humana e são condições para a manutenção dessa existência, na medida em que vivemos no mundo de culturas e sociedades estabelecidas por signos.

Este trabalho tem como objetivo analisar a competência semiótica que engendra os processos de significação e de interpretação, processos dinâmicos que interagem com a evolução gradativa dos signos no curso do desenvolvimento cognitivo humano. Através dos estudos que compõem o arcabouço teórico da semiótica de Charles Sanders Peirce, filósofo-lógico-matemático norte-americano, buscarei relacionar a competência semiótica humana para a interpretação, com questões relacionadas à percepção e cognição. Aspectos do conceito de signo e sobretudo, a teoria das *semioses criativas e orientadas* de Nöth (1995) são importantes para as relações que irei estabelecer, principalmente por permitirem uma classificação que dialoga com teorias do campo do desenvolvimento cognitivo.

Uma questão que precisa ficar clara desde o início é que falar de competência semiótica é, sobretudo, falar de semiose, e, assim, seguirei com o conceito retomado por Peirce ao longo de seus trabalhos para singularizar o objeto de estudo de sua *Semiótica: a semiose*.

A semiose enquanto processo será, dessa forma, um objeto central nas discussões deste capítulo, na medida em que é o termo que define a *ação*, a atividade dos signos. Na geração dos significados na mente dos intérpretes, a semiose é o processo transformador dos fenômenos existentes no universo real da experiência que, através da relação dialética entre mente interpretadora e signo, transforma o fenômeno-experiência em veículo portador de significação: o signo.

Na medida em que tenho como objetivo discutir a competência semiótica subjacente às atividades de interpretação de textos e imagens, não posso excluir de forma alguma o sujeito cognitivo que é o ponto

de partida e agente dos processos de interpretação. A interpretação não pode ser entendida como um processo que depende das atividades físicas e psicológicas dos indivíduos e, com isso, defendo a ideia de que a semiótica de Peirce apresenta chaves para a explicação deste fenômeno.

Os princípios que emergem da semiótica peirceana definem as relações entre os signos, as relações entre a experiência e a mente interpretadora, permitindo, dessa forma, a observação da competência semiótica a partir das relações entre a mente interpretadora e o signo. A semiose é, nesses termos, uma atividade intrínseca ao próprio processo gradativo do desenvolvimento cognitivo humano, na medida em que articula as experiências e as significações, levando ao desenvolvimento de habilidades semióticas de interpretação.

Para melhor conduzir o leitor pela complexidade das discussões que emergem dessas teorias, organizei este trabalho em itens que discutem o conceito de semiose, conceitos de percepção, fenomenologia e conceito de signo, e as teorias das semioses criativas e orientadas de Winfried Nöth (1995) que constituem um arcabouço teórico-metodológico interessante para a observação do desenvolvimento da competência semiótica humana, principalmente no estágio de interpretação infantil.

A teoria das semioses orientadas e criativas, quando aplicada em pesquisas empíricas (CORREIA, 2001), demonstra a existência de um desenvolvimento gradativo da competência semiótica, acompanhada pelo desenvolvimento cognitivo dos indivíduos, ou seja, afirmo que o processo de interpretação evolui de acordo com o desenvolvimento da cognição, tornando as interpretações dinâmicas, sob o ponto de vista das experiências e subjetividades.

A perspectiva teórico-metodológica emergente do trabalho de Nöth (1995), sobre os conceitos de *orientação signica* e de *semiose criativa* possibilita a observação de algumas leis básicas de desenvolvimento da competência semiótica, demonstrando os caminhos da percepção e da interpretação e, também, o desenvolvimento gradativo da cognição espelhada nos diferentes níveis e etapas de interpretação.

A teoria das *semioses orientadas* e das *semioses criativas* constitui um suporte teórico adequado para uma análise da competência semiótica e para a observação das relações entre os processos de semiose e evolução da cognição.

### 1- A semiose humana e a emergência das interpretações

A semiose como processo é o termo que define a *ação*, a atividade dos signos que compõem um determinado sistema de significação. Na geração dos significados, na mente do intérprete, a semiose é o processo transformador dos fenômenos existentes no universo real da existência empírica que, através da relação entre mente interpretadora e sistema significante, transforma o fenômeno existente na esfera da experiência concreta em veículo portador de significação: o signo. É na mente do intérprete que ocorrem as relações de transformação de um mundo empírico em uma realidade psicológica.

Todo esse processo toda essa atividade de significação é, em si mesma, uma evolução, porque a introdução das inferências sociais e psicológicas do intérprete na geração das interpretações, no processo de transformação de uma realidade empírica para uma realidade psicológica, os significados são preenchidos com realidades da esfera extra-objetiva. A dinâmica real do processo está na introdução de fatores subjetivos em elementos objetivos. O signo, enquanto entidade representativa, não possui a capacidade de abarcar a totalidade do objeto que representa. Necessita, assim, das inferências sociais e psicológicas da mente interpretadora no processo de interpretação. No processo de apreensão dos fenômenos (ou *phanerons*, nos termos de Peirce) na mente do intérprete, o universo empírico da experiência não é apreendido em toda a sua totalidade. Parte dessa experiência é apreendida e preenchida pelas inferências do intérprete.

Neste ponto, encontro o primeiro caminho que permite o estabelecimento de relações entre a competência semiótica e o desenvolvimento cognitivo: nossas interpretações são sempre dependentes de nossas expe-

... individuais e, assim, são sempre uma evolução de nossas percepções do mundo. São nossas interpretações que preenchem os signos. Este é o caráter eminentemente dinâmico de nossas interpretações.

Deely (1990, p. 42) observa o ponto em que Peirce delimita a semiose, a ação dos signos, como o real objeto de estudo de sua Doutrina dos Signos:

Foi somente em cerca de 1906, todavia, que a ação peculiar aos signos foi singularizada como um campo distinto de investigação possível e batizada com um nome próprio. O investigador responsável pela singularização desse campo em si mesmo, e não através de sua adjacência a outras linhas de investigação imediata, foi Charles Sanders Peirce, e o nome com que ele o batizou foi semiose. Nesse ponto, a doutrina dos signos chegou a um estágio fundamental em sua evolução: Peirce percebeu que o desenvolvimento pleno da semiótica como um corpus distinto de conhecimento exigia uma visão dinâmica da significação enquanto processo. Não se tratava apenas de uma questão sobre o Ser próprio do signo ontologicamente considerado. Há também a questão adicional do Tornar-se que esse tipo de peculiar de Ser possibilita e pelo qual se sustenta. Não se tratava apenas do fato de que existem símbolos, por exemplo. Existe também o fato de que os símbolos crescem.

A semiose é usualmente definida como um processo de atividade característico da capacidade inata humana de produção e entendimento de signos das mais diversas naturezas. Danesi (1993) observa o fato de os signos dependerem de simples sistemas fisiológicos, sistemas que revelam a alta complexidade de estruturação simbólica, em jogo no processo de inter-relação dos sistemas fisiológicos com a capacidade humana de abstração. Vale ressaltar que, através da aquisição gradual de um sistema simbólico, o homem descobre uma maneira de adaptação ao meio, transformando toda a vida humana. Esta capacidade de abstração, responsável pela formalização de um universo simbólico, representa uma capacidade exclusiva do homem, diferente em espécie de qualquer outro organismo. O filósofo Ernst Cassirer (1977), ciente deste ponto de vista, corrige e amplia a definição clássica do homem como *animal racional*,

designando-o em sua diferença específica, definindo-o como um mundo *simbólico*. A semiose, como processo, se inicia com a transformação do mundo físico em uma realidade apreendida. O fenômeno que é apreendido, percebido transforma-se em um mundo mental e psicológico. Assim, fica evidente sua característica eminentemente semiótica.

Assim, fica evidente sua característica eminentemente semiótica. A semiose é, sobretudo, um processo transformador do universo do fenômeno, da experiência, em um universo mental. Esse processo apresenta-se como uma atividade dinâmica e dialética entre o intepretador e o mundo da experiência, e é de fundamental importância para os estudos cognitivos, na medida em que, através da complexidade do processo de semiose, não somente como um modelo analítico, mas também como um modelo epistemológico, podemos perceber a forma como nos relacionamos com a experiência que nos cerca e geramos signos para a compreensão e conhecimento desse mundo. A semiose é a atividade central da competência semiótica humana.

É necessário entender que o objetivo da semiótica postulada por Peirce não é apenas o exaustivo levantamento classificatório das possibilidades de signos, mas, o estudo da forma como o pensamento age no processo de transformação dos *phanerons* em signos, isto é, na conversão do fenômeno oriundo do universo da experiência em signo. Define-se como o que nos apresenta Santaella (1996, p. 65):

(...) o objeto dessa ciência não é meramente o levantamento classificatório de signos, mas o perscrutar acurado dos modos como a consciência-pensamento opera transformando qualquer coisa que se lhe apresenta (os phaneros) de modo que, no ato de apreender o phaneron, o pensamento necessariamente o converte em signo.

Quero enfatizar uma questão que considero essencial para qualquer estudo que tenha como objetivo a observação da competência semiótica humana: na medida em que entendemos aqui a competência semiótica como a habilidade humana para a geração dos signos, devemos ter em mente que esta habilidade é profundamente dependente dos processos de percepção.

Assim, a competência semiótica humana depende, sobretudo, dos processos de percepção. Visando descrever didaticamente esse processo, apresento o seguinte esquema:

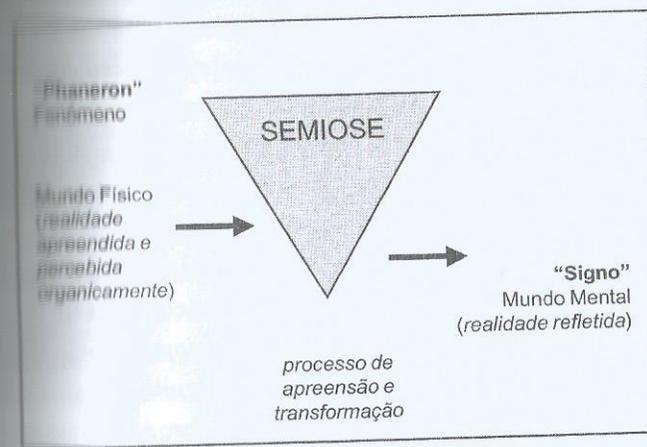


Figura 1 – O processo de apreensão do Phaneron

Os estudos semióticos objetivam a análise da ação e atividade dos signos. Este tipo específico de atividade eminentemente signica foi, somente por volta de 1906, definido como um campo específico de investigação, com possibilidade de ser analisada e intitulada com uma terminologia idiossincrática. Charles Sanders Peirce foi o cientista responsável pela delimitação desse campo, dando-lhe autonomia frente às outras áreas de estudos e pesquisas. Peirce denominou este tipo de atividade de *semiose*, termo adaptado por ele, como observa Nöth (1995, p. 69), de um tratado do filósofo epicurista grego chamado *Philodemus*. Posteriormente, com a definição do objeto primordial da análise semiótica, a ciência geral dos signos entendida enquanto lógica, chegou a um ponto de importância vital para seu desenvolvimento e evolução.

No que concerne as discussões sobre a competência humana para a geração dos signos, é esse caráter eminentemente dinâmico e lógico (nos termos peirceanos de lógica) que Peirce dá à atividade dos signos, que possibilita uma visão mais ampla de toda a atividade de significação

e, consequentemente, da competência semiótica para a interpretação de signos de diferentes naturezas.

Na semiótica peirceana, com sua base filosófica e, sobretudo, fenomenológica podemos adentrar em um nível analítico que nos permite a atenta observação da “produção” dos sistemas de significação. Aqui surge que somente uma teoria que apresente como base fundamentos teóricos altamente abstratos, como os princípios que emergem da filosofia da fenomenologia, pode dar conta de um fenômeno altamente complexo e sobretudo, plural como a competência semiótica humana. A interpretação se caracteriza por sua pluralidade, reunindo elementos da psicologia, sociológica e cultural. Isto leva à conclusão de que o aporte teórico oriundo da semiótica de Peirce se constitui em princípio de fundamental relevância para os estudos da competência semiótica sobretudo sob o prisma do desenvolvimento cognitivo.

A partir das observações apresentadas sobre a semiose, como um processo que tem, sobretudo, no centro de sua atividade, a união de dimensões distintas da experiência humana com o objetivo de gerar as significações, passamos a entender que o estudo da competência semiótica nos apresenta uma nova perspectiva de entendimento do desenvolvimento cognitivo humano, na medida em que, nas teorias apresentadas, a percepção da experiência se apresenta como condição e contexto para a produção e geração das semioses possíveis.

A complexidade e a multiplicidade das semioses na cognição humana demonstram a competência humana para a produção e uso de um sistema simbólico complexo, cujos níveis de estruturação refletem o estágio cognitivo no qual o intérprete se encontra.

## 2 – Os níveis de percepção constituintes da semiose

O que constitui a semiose enquanto um processo abstrato é o envolvimento de um terceiro nessa relação, isto é, as inferências da mente interpretadora. O ponto fundamental dessa questão é o postulado de que

sempre representa algo para alguém. Essa relação dialética é tanto para a produção, como para a decodificação dos sistemas de semioses. A observação do sujeito cognoscente é fundamental para o entendimento das relações entre semiose, cognição e experiência.

O que deve ser entendido é que a semiose depende eminentemente da mente interpretadora para a sua existência. As relações entre as semioses físicas, em um estágio que chamarei aqui de nível *perceptivo sensorial*, dependem da introdução das inferências da mente interpretadora, em um nível que chamarei de *perceptivo intelectual*, para a produção da semiose. A diferenciação entre esses dois níveis de percepção serve para demonstrar as características e, sobretudo, as diferenças entre as relações diádicas e triádicas.

A questão da percepção<sup>2</sup> é de fundamental relevância para os estudos sobre a competência semiótica, pois, *perceber* em nível *sensorial* difere em muito de *perceber* em nível *intelectual*. Deely (1990, p. 50) disserta sobre a questão da percepção e dos diferentes níveis que podem ser apreendidos neste processo:

Além do mais, o perceber pode ser entendido de várias maneiras. Existe em um nível uma percepção puramente sensorial, distinta das sensações externas e superordinada a elas (na medida em que as contém e especifica ainda mais). Nesse nível a relação de significação pode ser apreendida in actu exercito, quer dizer, apreendida de modo prático em seu emprego interativo para abrir caminho no ambiente físico e especialmente para controlá-lo ou tirar vantagem dele. Há, em outro nível, uma percepção intelectual, também contendo os níveis inferiores da percepção sensorial e da sensação externa de maneira superordinada. Nesse nível a relação de significação pode não apenas ser usada e manipulada in actu exercito, mas também distinguida do veículo que a transmite e do objeto que ela comunica. Ela pode ser considerada in actu signato, isto é, diretamente e de acordo como o que é próprio dela, não como objeto de experiência direta (pois experimentamos diretamente apenas objetos relacionados,

<sup>2</sup> Santaella & Vieira (2008, p. 59) apontam para o papel fundamental que a percepção desempenha no pensamento de Peirce para explicar a cognição e a aquisição do conhecimento.

veículo sógnico por um lado e objeto significado por outro, embora unidos numa experiência única).

O conceito de *percepção* se distingue do conceito de *sensação* na medida em que é apresentado por Deely como uma espécie de fenômeno organizador das sensações primordiais e externas. A percepção sensorial contém as sensações externas e é hierarquicamente superior às sensações externas, e apresenta-se, dessa forma, com características de relação diádica. A percepção intelectual é hierarquicamente superior à percepção sensorial, porém contém a percepção sensorial e funciona como uma percepção organizadora dos níveis inferiores da percepção sensorial que subjaz à própria percepção intelectual. Como em um processo recursivo, sensações externas são subjacentes às percepções sensoriais que, por sua vez, são subjacentes às percepções intelectuais. Percepções intelectuais contêm, portanto, percepções sensoriais, que por sua vez, contêm sensações externas.

Posso exemplificar esse processo através do seguinte esquema:

**Sensações externas percepção sensorial**

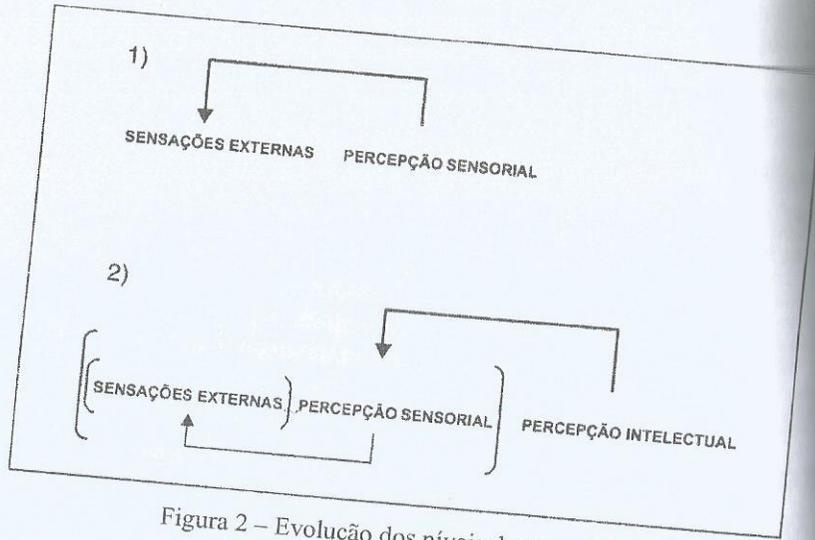


Figura 2 – Evolução dos níveis de percepção

A percepção intelectual<sup>3</sup> pertence ao nível da relação triádica, dada em que é uma evolução de um nível diádico inferior. O termo "intelectual" denota o caráter triádico desse processo, pois as percepções intelectuais dependem do uso do intelecto, da racionalização e da organização. Nesses termos, começa a ficar evidente que as sensações físicas passam a receber significações de ordem racional e subjetiva levando ao desenvolvimento dos processos de competência intelectual.

As relações entre os níveis da percepção e os níveis diádico e triádico, podem ser demonstradas através do seguinte esquema:

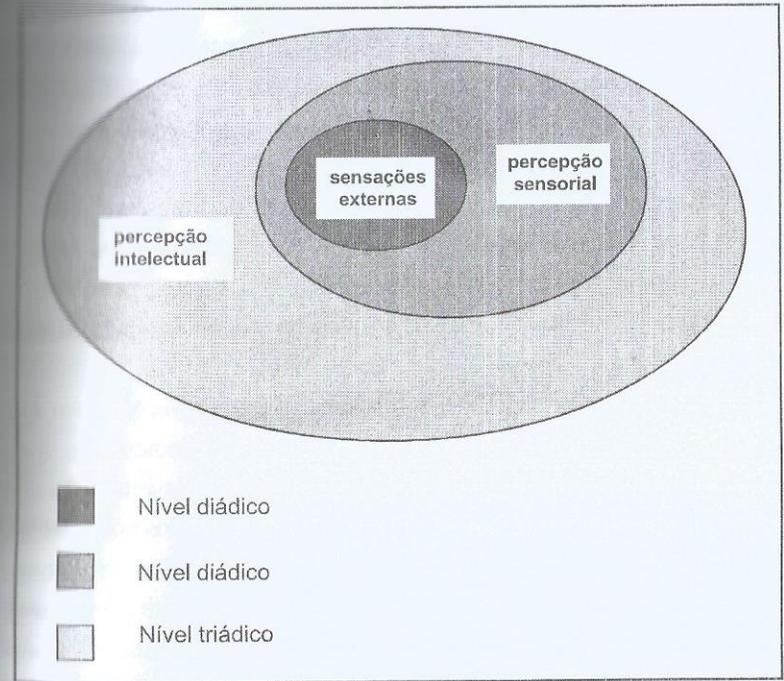


Figura 3 – Níveis de percepção

3. Shcliff (1994, p. 31-32) nos chama a atenção para o fato de a percepção humana ser um fenômeno da natureza da terceiridade.

Observando os processos que intitulou como *antropologia* e suas relações com o conteúdo da experiência, Deely (1995) constata que:

Embora pertencente à dimensão cognitiva da experiência, a semiótica não tem suas raízes numa teoria antes de tudo. Em primeiro lugar, baseada num processo, a semiótica especificamente na medida em que esse processo é responsável pela própria possibilidade e pelo que houver de realização da experiência de qualquer ser vivo. Essa realização, em certos casos (tais como o nosso próprio), pode então ser pensada e pode vir a constituir por si mesma um objeto de acordo com aquilo que é específico a ela, a saber, a dependência que a experiência tem da ação dos signos.

Esta observação está de acordo com as discussões que estão realizando neste trabalho. A semiose é o processo responsável pela apreensão da experiência e, ao mesmo tempo, constitui a própria experiência. Podemos entendermos que a tríade dos correlatos do signo desenvolvida por Peirce instaura na teorização do signo os diversos pólos que estão em jogo no processo de apreensão dos fenômenos. A experiência está representada por um dos correlatos da teoria do signo enquanto que a interpretação e, conseqüentemente, o conhecimento da experiência que é apreendida no processo de semiose, também é um correlato integrante da teoria do signo. O signo é o elemento mediador da competência semiótica (PEIRCE, 1995, p. 269). Na interação entre experiência e mente interpretadora, ambos representados por correlatos na definição peirceana de signo, o signo é o mediador do processo, carregando, em seu cerne, traços da experiência percebida e direcionando-os para a mente interpretadora, que introduz, nesse processo dinâmico de geração de significados, os conhecimentos prévios adquiridos no decorrer das vivências do intérprete.

Assim, a experiência é dependente do signo. Sem o processo de semiose, a experiência não é transposta para o universo psicológico do indivíduo. A semiose é, por excelência, o processo que descreve, em termos lógicos, como o universo da experiência é percebido, apreendido

interpretado através de conhecimentos prévios que articulados com as inferências da ordem psicológica e social dos signos introduzidas pelo interpretante. Não há em nenhum ponto da teoria peirceana do signo qualquer conceito estático. O grande avanço que a teoria peirceana apresenta para o estudo da competência semiótica, em uma perspectiva cognitiva, é a observação do signo de significação através de um enfoque eminentemente dinâmico, relacionando através de uma função semiótica entre três termos, a experiência, o veículo tradutor dos traços da experiência e a cognição. A apreensão e conseqüente tradução da experiência gera na mente o interpretante.

Nessa medida, a semiose, como um processo complexo que atua a nível da experiência concreta ao nível da dimensão cognitiva apreendida, que organiza diferentes níveis de percepção, precisa ser cuidadosamente observada para o estudo das leis que regem os processos da competência semiótica.

### 3- A fenomenologia como base para o entendimento da competência semiótica

Devemos, de início, observar que a preocupação fenomenológica no pensamento de Peirce constituiu-se na fundamentação básica de todo o seu pensamento filosófico. Para Peirce, o primeiro momento de análise e observação em um trabalho filosófico é a fenomenologia, grosso modo, a ciência que tem como objetivo a atenta observação de qualquer fenômeno. Assim, o trabalho e a tarefa do filósofo é a de criação do que é entendido como a doutrina das categorias, cujo objetivo é a realização da mais radical análise de todas as experiências possíveis. A fenomenologia<sup>4</sup>, enquanto ciência, proporciona a análise dos pro-

4. Para observarmos a importância dos conceitos fenomenológicos em todo o pensamento de Peirce, basta observarmos toda a sua teoria do signo enquanto uma teoria postulada em investigações radicalmente lógicas, cujas bases estão, exatamente, nas Categorias Cenopitagóricas.

cessos de percepção e das formas e fontes pelas quais o conhecimento é apreendido.

A fenomenologia, na perspectiva peirceana, funciona como fundamental para qualquer ciência<sup>5</sup> porque observa os fenômenos através da análise e estudo radical, desenvolve formas e postula que é universal, ou seja, as propriedades inerentes a esses fenômenos observados. Portanto, é da fenomenologia que devem emergir as categorias universais a toda e qualquer forma de experiência e pensamento.

A fenomenologia no pensamento filosófico de Peirce começa a base da própria experiência, ou seja, segundo Santaella (1983, p. 33) *a partir da experiência ela mesma, livre de pressupostos*. Nesse sentido, fenômeno é, para Peirce, tudo aquilo que aparece à mente, independente a algo real ou não.

A fenomenologia tem como objetivo descrever as categorias universais e elementares de todo e qualquer fenômeno, ou seja, fazer o levantamento das características e elementos que pertencem a todos os fenômenos e que participam de todas as experiências (SANTAELLA, 1983, p. 33). Nesse sentido, encontramos um estudo que, baseado na própria observação dos fenômenos (em nível de observação direta), discrimina as diferenças e singularidades, chegando a um nível de generalização das observações a ponto de ser capaz de demonstrar características universais presentes em todas as coisas que apreendemos. Deveremos observar que Peirce chega às suas categorias fenomenológicas através da análise da forma como os fenômenos são apreendidos na consciência.

Ao considerar como experiência tudo o que se apresenta a nós, ou seja, os fenômenos (ou na acepção de Peirce, os *phanerons*), Peirce conclui que tudo que aparece à consciência, assim o faz numa graduação

5. Sob a base da Fenomenologia é que as ciências normativas se desenvolvem obedecendo à sequência seguinte: Estética, Ética e Semiótica ou Lógica. A semiótica, teoria dos signos, sob ambas, extraído dessas ciências seus princípios, estrutura-se em três ramos. A Metafísica emerge como última ciência desse sistema. Estudos detalhados sobre a classificação peirceana das ciências podem ser encontrados nos trabalhos de Kent (1987) e Santaella (1992).

propriedades que correspondem aos três elementos formais de qualquer experiência (SANTAELLA, 1983, p. 35). Estou me referindo às três categorias universais de toda experiência e todo pensamento:

*as Categorias da Primeiridade, Secundidade e Terceiridade.*

As Categorias da Experiência, ou Categorias Cenopitagóricas para Peirce, os três modos como os fenômenos aparecem à consciência. Santaella (1983, p. 42), porém, alerta-nos para que não devemos *essas categorias como entidades mentais, mas como modos de apreensão do pensamento-signo que se processam na mente.*

Essas três categorias devem ser entendidas como três modalidades de apreensão de todo e qualquer fenômeno. O que deve ser observado, no entanto, é que elas são constituídas como as *modalidades universais e mais gerais, através das quais se opera a apreensão dos fenômenos* (SANTAELLA, 1983, p. 42).

A categoria da *Primeiridade* é constituída como a presentidade. A consciência em estado de primeiridade é, sobretudo, uma qualidade de sentimento e, devido a sua característica essencialmente qualitativa, é a primeira categoria fenomenológica. É definida como uma primeira apreensão das coisas que a nós se apresentam. Como definiu Santaella (1983, p. 40), *já é tradução, finíssima película de mediação entre nós e os fenômenos*. Essa qualidade de sentimento característico da primeiridade é o modo mais imediato. O sentimento intrínseco à primeiridade pode ser definido como a primeira forma de apreensão dos *phanerons*, ou seja, dos fenômenos que surgem para serem apreendidos em nossa consciência.

Na categoria da *Secundidade*, encontramos um mundo concreto, real, caracterizado pela ação e reação. Como observa Santaella (1983, p. 47), *um mundo sensual, independente do pensamento e, no entanto, pensável, que se caracteriza pela secundidade.*

A análise da terceira categoria é essencial para os estudos dos fenômenos de interpretação e representação, e, sobretudo, para os estudos sobre os processos de desenvolvimento da competência semiótica.

As ideias que sintetizam a categoria da *Terceiridade* são os conceitos de generalidade, de infinitude, de continuidade, de difusão,

crescimento e, sobretudo, de inteligência (SANTAELLA, 1983). Essas idéias apresentam um alto grau de abstração e possibilidade de diálogo com outras áreas do saber como a filosofia e as ciências humanas, em geral. Como enfatiza Santaella (*idem*), a mais importante idéia de *terceiridade* é aquela de um signo ou representação que diz respeito ao modo, o mais proeminente, com que nós, seres biológicos, estamos postos no mundo.

Nas bases da teoria sobre o processo de apreensão do phaneron na consciência, está um dos postulados mais importantes de todo o pensamento de Peirce, sua teoria do signo e os estudos dos processos lógicos de engendramento signico. Como definiu Santaella (1983, p. 52):

O homem só conhece o mundo porque, de alguma forma, o representa e só interpreta essa representação numa outra representação, que Peirce denomina interpretante da primeira. Daí que o signo seja uma coisa de cujo conhecimento depende do signo, isto é, aquilo que é representado pelo signo. Daí que, para nós, o signo seja um primeiro, o objeto um segundo e o interpretante um terceiro.

Diante do phaneron, ou seja, de qualquer fenômeno, para compreender e apreender esse fenômeno, a consciência produz um signo ou seja, um pensamento como mediação entre nós e os fenômenos. Esse processo está no nível do que é conhecido como percepção. O processo de percepção, segundo Santaella (1983, p. 51), não é senão traduzir um objeto de percepção em um julgamento de percepção, ou melhor, é interpretá-lo por uma camada interpretativa entre a consciência e o que é percebido. Através do estudo da fenomenologia peirceana, podemos entender como na atividade da semiose o fenômeno é apreendido através das três gradações. A análise desse processo demonstra a forma como Peirce desenvolveu seu conceito de signo, e, conseqüentemente, as diversas classificações dos signos.

Retorno, então, aos conceitos elementares das categorias da experiência para uma tentativa de descrevê-los através de um esquema didático. Para Peirce (*apud* PIGNATARI, 1987, p. 38):

*Primeiridade* – “modo ou modalidade de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem qualquer referência a outra coisa”.

*Secundidade* – “modo de ser daquilo que é tal como é, com respeito a um segundo, mas sem levar em consideração qualquer terceiro”.

*Terceiridade* – “modo de ser daquilo que é tal como é, ao estabelecer uma relação entre um segundo e um terceiro” (8378).

A Primeiridade é, portanto, independente da Secundidade e da Terceiridade. Por outro lado, a Secundidade contém a Primeiridade e é independente da Terceiridade. A Terceiridade contém a Primeiridade e a Secundidade. Visto pelo viés da Terceiridade, encontramos um processo recursivo no qual o nível Terceiro contém o Segundo que, por sua vez, contém o nível Primeiro. A Primeiridade é a categoria da qualidade da sensibilidade; a Secundidade é a categoria do evento, da experiência; a Terceiridade é a categoria da razão, da interpretação, do pensamento. A conseqüência desse princípio nos é explicitada por Nöth (1995, p. 130).

Embora cada categoria seja irredutível em si mesma, as mais elevadas pressupõem as mais baixas. Nesse sentido, o sentimento não é secundário à cognição, mas está contido nela e faz a mediação entre o sentimento e a volição.

Esse princípio é fundamental para os estudos que buscam as relações entre a competência semiótica e a cognição, pois estabelece uma nova relação entre sentimento, volição e cognição, que passam a ser entendidos não como atividades opostas e distintas em sua natureza. Ao contrário, nesta perspectiva passamos a entender que a cognição, enquanto um fenômeno em nível de terceiridade, contém tanto o sentimento como a volição. As interpretações são, dessa forma, entendidas em uma perspectiva fenomenológica, através da forma como são engendradas a partir da apreensão dos fenômenos da esfera da experiência e sua transformação pela semiose em signos.

A categoria da Primeiridade dá à experiência sua qualidade e liberdade (apresenta-se como integrante da secundidade), na categoria

da Secundidade, encontramos o que dá à experiência seu caráter de reação (porém, sem a mediação da razão) e a Terceiridade se apresenta como a categoria da razão, inteligibilidade e representação. É a categoria da síntese intelectual, elaboração cognitiva, como observou Peirce (1983, p. 50-51).

Proponho, assim, um entendimento da competência semiótica como um fenômeno do universo da terceiraidade, dependente das características da terceiraidade, essenciais para a interpretação dos textos e das imagens a partir da decodificação dos signos simbólicos das línguas, como dos signos icônicos e indesejáveis cujas naturezas *signicas* exigem do intérprete outros níveis de habilidades interpretativas para a sua decodificação. Livros didáticos, livros infantis, livros infanto-juvenis, jornais, revistas em quadrinhos e alguns exemplos de suportes que tendem a mesclar em suas superfícies signos verbais e visuais, gerando uma linguagem híbrida, uma mistura de signos que dependem, sobretudo, das habilidades de interpretação do indivíduo.

Estas superfícies de signos de diferentes naturezas são apenas a entrada para um mundo de sentidos e significados que reclamam as diferentes interpretadoras atividades efetivas de interpretação. As superfícies que acomodam os signos e que apresentam à mente uma rede de possibilidades de sentidos, exigem da percepção uma atividade de atenção singular, para que suas raízes internas de significados brotem em interpretações criativas, carregadas de sentidos e de interpretações subjetivas.

Estudar as categorias da experiência<sup>6</sup> é, sobretudo, estudar os processos de apreensão dos fenômenos e a conseqüente geração dos signos. Estudar o signo é desvendar o processo de funcionamento da semiótica através das inter-relações entre os elementos que o compõem.

6. Para Santaella (1995, p. 15), é fundamental o estudo de suas categorias fenomenológicas, pois é diretamente delas que nasce a semiótica, o conceito de signo e a classificação dos signos.

Essa forma, fica evidente o fato de que o estudo da competência semiótica para a interpretação de textos e imagens depende da atenta observação dos processos de semiótica que emergem das relações entre as interpretadoras e os signos linguísticos ou visuais na superfície dos textos sob interpretação. Esta nova perspectiva de entendimento da competência semiótica traz luzes para o próprio entendimento dos processos de aquisição e de desenvolvimento do conhecimento na medida em que falar de semiótica é, sobretudo, falar da capacidade de mediação<sup>7</sup>, uma das atividades intelectuais que claramente mostra as potencialidades mentais superiores da espécie humana.

O conceito peirceano de signo, com seus princípios em alto nível de generalização, permite a observação dos sistemas de linguagem na perspectiva do desenvolvimento cognitivo. Esta questão é essencial, na medida em que discutir a competência semiótica para a interpretação depende, sobretudo, do estágio de desenvolvimento cognitivo no qual o intérprete se encontra.

Um conceito dinâmico, abstrato e, sobretudo, dialético como o que emerge da teoria peirceana de signo, apresenta-se como arcabouço teórico ideal para os estudos cognitivos. A resposta para esse poder analítico que emerge do conceito de signo postulado por Peirce está na função lógica dos elementos que compõem o signo, e nas inter-relações entre esses elementos.

No que concerne a este capítulo, devo chamar-lhes a atenção para o conceito de interpretante<sup>8</sup> enquanto um signo equivalente ou mais desenvolvido. Esta definição indica que o interpretante é um signo equivalente ou mais desenvolvido gerado na mente do intérprete. Posso

7. Uma teoria da mediação da máxima importância para os estudos da cognição, que relaciona o uso dos signos, com a linguagem e o pensamento, é encontrada nas teorias de L. S. Vygotsky (FRAWLEY, 2000, p. 97-98).

8. Vale ressaltar que Peirce postulou três tipos de interpretante. Estou usando o conceito geral de interpretante como satisfatório para os propósitos desse capítulo. Recomendando ao leitor interessado em buscar um estudo detalhado dos três tipos de interpretantes, as leituras de Santaella (1983, 1995, 2008), Coelho Neto (1990) e Nöth (1995); e sobre as relações entre os conceitos de interpretante, denotação e conotação, recomendo a leitura de Eco (1991).

entender, através desse conceito, que o interpretante se constitui em um signo da representação do objeto, um signo que evolui e se transforma determinado pela representação do objeto na mente do intérprete. Assim, a competência semiótica para a interpretação pode ser vista a partir de uma perspectiva de geração, de crescimento e desenvolvimento pelo ponto de vista da lógica, mas também pelo ponto de vista da psicologia e da cognição.

O conceito peirceano de signo se apresenta, nesta perspectiva, como um verdadeiro “embrião lógico” (termo cunhado por Santaella) do próprio processo de semiose. É a relação triádica instaurada entre os correlatos que compõem o signo que permite a observação do processo gradativo de geração das semioses.

Um conceito de relevância fundamental para o entendimento da semiose é gerado, está na teoria da incompletude-impotência do signo (SANTAELLA, 1992a) criada por Santaella. Considero esse conceito fundamental para o entendimento da competência semiótica e de suas relações com a cognição, na medida em que é a teoria que demonstra as formas como os significados são gerados através de inter-relações lógicas na mente do intérprete.

Os conceitos que emergem das teorias de Charles Sanders Peirce<sup>9</sup>, possibilitam o uso de uma complexa fundamentação teórica na análise e investigação dos sistemas de significação. Encontramos, no pensamento de Peirce, o conceito de que tudo o que é apreendido pelo signo é apreendido com o caráter de signo e nesse sentido, o próprio

9. Santaella (1993) afirma que qualquer tentativa de entendimento da semiótica peirceana e, conseqüentemente, de sua teoria do signo, sem uma verdadeira imersão em sua filosofia e fenomenologia, corre o risco de gerar desentendimentos sobre o seu pensamento. Para uma compreensão satisfatória das teorias de Peirce, creio que é de fundamental relevância a observação de sua fenomenologia e de seu sistema lógico das ciências. Estudar a estrutura do signo proposta por Peirce sem buscar o “fio condutor” que unifica as diversas discussões aparentemente distintas que emergem de suas teorias, transforma seus conceitos em estruturas estáticas, com classificações de signos também cristalizadas, que estão muito longe de corresponder com a proposta revolucionária de suas teorias.

signo é constituído numa corrente de signos. Dessa forma, a semiótica é uma atividade mental, sgnica, e esta constitui-se como um problema central para as ciências que investigam os processos de representação e significação.

### A teoria das semioses criativas e orientadas como fundamentos para o estudo das leis de desenvolvimento da competência semiótica

Como pôde ser observado nos primeiros itens deste capítulo, o processo de interpretação de um signo na mente do intérprete constitui-se em um processo eminentemente dinâmico. A terminologia adotada por Peirce para caracterizar esse processo dinâmico de significação foi a de *semiosis*, ou seja, a ação e atividade dos signos. O conceito de semiose desenvolvido por Peirce é, em suma, processo no qual o signo tem um efeito efetivo sobre o intérprete (PEIRCE *apud* NÖTH, 1995, p. 68).

Para Peirce, o objeto de investigação de sua semiótica é, exatamente, a semiose enquanto processo. A partir desse ponto, Peirce funda a semiótica, na medida em que institui seu objeto de estudo e os dispositivos de indagação e observação dessa ciência no rol das chamadas ciências humanas. Enquanto Locke cria a semiótica, Peirce funda a semiótica a partir da constituição e do estudo de seu objeto de investigação.

Esse objeto complexo e de natureza dinâmica que se constitui como objeto de investigação dos estudos semióticos de vertente peirceana precisa ser o centro da investigação dos estudos sobre a competência semiótica, porque o objetivo desses estudos é a observação dos processos de semiose em interpretações efetivas. Para Peirce (*apud* NÖTH, 1995, p. 68): *semiosis* significa a ação de quase qualquer signo, e a minha definição dá o nome de signo a qualquer coisa que assim age.

O significado efetivo gerado nesse processo foi intitulado por Peirce como interpretante, ou seja, o significado gerado na mente do intérprete. A partir da constituição do interpretante, enquanto um signi-

ficado gerado sob as bases de um processo dialético entre interpretadora e signo, Peirce caracterizou a semiose como um processo infinito e ilimitado: cada signo cria um interpretante que, por sua vez, representa um novo signo, a semiose resulta numa cadeia de interpretantes sucessivos”, *ad infinitum* (PEIRCE apud NÖTH, 1995, p. 107).

Devemos observar que o processo de interpretação pressupõe a procura constante de signos capazes de auxiliar os leitores nos diversos caminhos da representação. Nöth (1995, p. 107) define o conceito de signo orientador, enquanto um signo interpretado com sucesso com base em um código válido, e o resultado dessa interpretação está de acordo com as expectativas do intérprete.

Como observa Nöth (1995, p. 107):

A natureza do signo, em tais processos de semiose bem sucedida, pode ser especificada em termos da semiótica peirciana. Conforme já dito, Peirce baseou sua semiose na tríade por ele denominada “conexão tripla do signo, coisa significanda e cognição produzida na mente”.

Os intérpretes em meio aos processos de interpretação não encontram apenas signos de orientação, no que diz respeito às leituras; ao contrário, encontram constantemente signos de desorientação decorrer de suas leituras.

Nöth (1995, p. 108) caracteriza esses *eventos semióticos* sob o nome de *semiose incompleta e transformada* de forma que o intérprete *desorienta-se porque um dos correlatos do signo não pode ser identificado*. Nöth denomina as transformações signícas como *enganos* ou *criativas*.

Assim, para Nöth (1995, p. 108):

Na semiose incompleta, o intérprete desorienta-se porque um dos correlatos do signo não pode ser identificado. (...) na semiose enganosa, o signo cria expectativas semióticas que não se realizam; na semiose criativa, os signos são usados quer na exploração de potencialidades inesperadas de um código já existente, quer com base em um novo código.

... seguirei com o conceito de *semiose criativa*, porque o intérprete, dentro do grau de desenvolvimento cognitivo da faixa etária cria possibilidades e potencialidades de acordo com sua maturidade cognitiva, como propõe Nöth (1995, p. 108): *potencialidades inesperadas de um código já existente com base em um novo código*.

Os processos de leitura são convenções culturais. Os signos são, portanto, elementos arbitrários que necessitam do aprendizado por parte do leitor para a decodificação de seu sistema. O intérprete, dependendo da faixa etária, utiliza os desenhos que possuem uma relação direta com os objetos que representam. Em outros termos, ícones, que são as imagens que acompanham as histórias infantis.

Nöth (1995, p. 115) observa a importância dos signos icônicos na orientação de uma criança no mundo simbólico através de uma frase dita pela personagem Alice, da obra de Lewis Carroll – *Aventuras no país das maravilhas*:

... os ícones são importantes para a orientação de uma criança no mundo simbólico, é uma das primeiras idéias expressas por Alice (AM I): “De que serve um livro”, ela se pergunta, “sem figuras nem diálogos?”

Os signos icônicos constituem-se, dessa forma, como auxiliares importantes em meio à desorientação simbólica devido ao caráter de semelhança direta com os objetos que representam. De outras formas, porém, constituem-se, também, como surpresa, *revelando um potencial desconhecido de criatividade* (NÖTH, 1995, p. 120).

Nesses termos, posso afirmar que as crianças desenvolvem estratégias de construção do que entendemos como semioses criativas, ou seja, processos de produção de interpretações que, devido ao desconhecimento do código para a decodificação plena da linguagem verbal nas histórias infantis, direcionam as crianças para a geração dos significados que, em meio à desorientação simbólica, buscam os ícones, signos que analogicamente possuem relações com os objetos que

representam. A partir do encontro da mente interpretadora com os intérpretes inferem, na produção dos significados, as condições sociais e psicológicas individuais.

Desta relação radicalmente dialética entre mente interpretadora e signo, emergem os significados ou, nos termos de Peirce, os correlatos: a cognição produzida na mente do intérprete. As estratégias de construção de interpretações criativas são, portanto, estratégias de construção de interpretações baseadas nas potencialidades cognitivas do intérprete, determinadas pela maturidade cognitiva, que utiliza os significantes que são passíveis de serem interpretados. A natureza do signo depende da maturidade cognitiva do indivíduo para a possibilidade de interpretação.

O termo *semiose orientada* não aparece no trabalho de Peirce. Nöth (1995, p. 108) classifica a semiose em: *incompleta e transformada* e *criativa*. A semiose incompleta e transformada pressupõe a existência de transformações sîgnicas intituladas como: enganosas ou criativas. Porém, Nöth desenvolve esses conceitos baseando-se em um paradigma literário e fictício. Se pensarmos em intérpretes reais, com interpretações distintas, devemos utilizar o termo semiose criativa, na medida em que é o conceito que pode descrever as potencialidades criativas de interpretação que ocorrem no estágio linguístico e cognitivo infantil. O termo *semiose orientada* serve para descrever os processos nos quais as crianças encontram os signos orientadores, interpretados com base em um código válido.

Visando descrever as classificações que estão sendo trabalhadas neste texto, apresento o seguinte esquema:

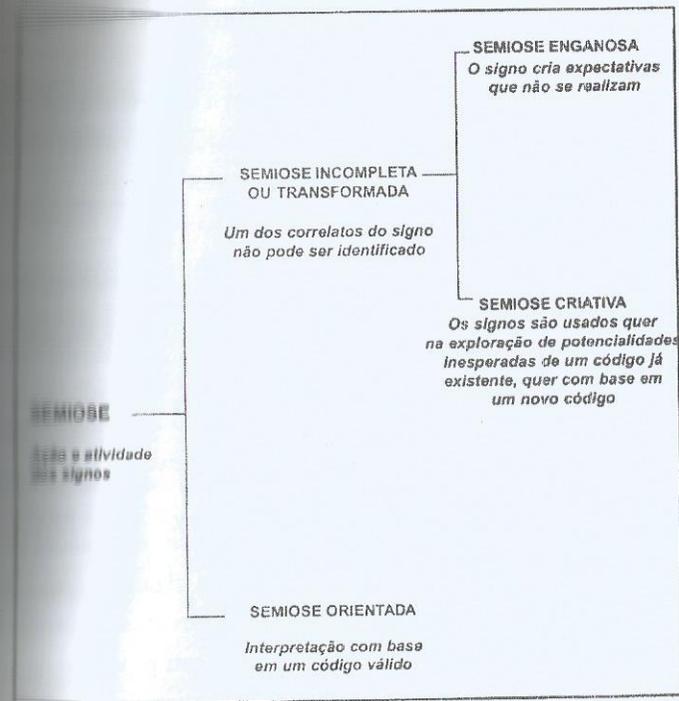


Figura 3 – A classificação das semioses

A produção das semioses orientadas pressupõe a existência de signos orientadores devidamente interpretados. Como a leitura dos textos pressupõe o conhecimento de uma ordem lógica da estrutura da língua, a interpretação considerada correta desse sistema significante específico será chamada de *semiose orientada*. Nesse caso, o indivíduo apresenta uma interpretação válida, uma semiose qualitativamente superior às semioses criativas e, principalmente, uma leitura completa na ordem lógica necessária para a interpretação.

Uma questão interessante é observar que os signos que auxiliam a orientação simbólica da criança possuem relações eminentemente qualitativas com os objetos que representam. São exatamente signos que possuem essa natureza qualitativa que são os “auxiliares semióticos” das crianças nos processos de interpretação. Em outros termos, sua natureza

lógica, em nível de primeiridade, portanto qualitativa, permite a interpretação simbólica, na medida em que a criança busca estabelecer relações que possuem alguma relação direta com a experiência anterior.

Toda semiose orientada (termo que está sendo usado neste trabalho para dar conta das semioses enquanto interpretações válidas) supõe a existência de um signo orientador. Esse signo orientador é a ordem convencional da leitura – o conhecimento racional da organização e ordenação da língua.

Acredito, dessa forma, que a semiose criativa constitui o processo que descreve as formas de interpretação das crianças em estágios cognitivos e linguísticos iniciais, demonstrando as potencialidades criativas nas interpretações que ocorrem nesta fase do desenvolvimento da inteligência infantil.

Defendo o argumento de que as semioses orientadas são o resultado da evolução histórica e cognitiva das semioses criativas, ou seja, elas constituem estágios distintos de semiose de um mesmo processo de transformação eminentemente qualitativa de um processo de semiose inicial, um estágio cognitivo inicial em suas características básicas. Assim, chego à constatação de que a semiose também está sujeita às leis fundamentais do desenvolvimento psicológico humano. A semiose orientada é, sobretudo, um processo culturalmente elaborado, na medida em que necessita do conhecimento das leis de convenção do sistema de linguagem sob interpretação.

A semiose criativa, enquanto modelo de descrição do uso por parte dos intérpretes de suas potencialidades na decodificação de um sistema significante, exemplifica bem o processo no qual crianças procuram interpretar as imagens que acompanham os textos nos livros infantis. Através da teoria das semioses criativas podemos perceber como as crianças exploram as potencialidades cognitivas inerentes às faixas etárias a que pertencem, de forma criativa, buscando os signos orientadores em meio a desorientação simbólica na qual se encontram.

Devo chamar a atenção para o fato de que, na realidade, as semioses criativas não terminam a partir do início das interpretações

de semiose orientada; ou seja, quando as crianças entram no processo de alfabetização e começam a ter domínio do instrumental de uso das potencialidades por parte dos intérpretes continua a ocorrer em estágios cognitivos no qual se encontram. Devemos entender que a criatividade para resolução de problemas, em qualquer situação, é uma característica eminentemente humana, e segundo, o processo de "potencialidades" linguísticas e cognitivas não termina com o processo de evolução de um estágio precedente ao outro. O que ocorre é uma evolução, um desenvolvimento das semioses criativas para semioses orientadas, na medida em que as crianças interpretam algumas imagens em um momento, e, posteriormente, passam a interpretar tanto as imagens, como as palavras do texto, gerando interpretações mais desenvolvidas e qualitativamente superiores.

Assim, na perspectiva teórica que sigo neste capítulo, a semiose orientada é um estágio cognitivo constituído da evolução de outro estágio cognitivo anterior<sup>10</sup>, ou seja, a semiose criativa. Com o desenvolvimento e maturação cognitiva, há uma mudança de estágio no processo de semiose e, dessa forma, podemos acompanhar, através das diferenças qualitativas entre esses processos, suas relações com o desenvolvimento cognitivo, funções psicológicas e desenvolvimento linguístico. Há uma mudança no processo de semiose, uma mudança estrutural no processo de leitura dos signos sob interpretação, com o crescimento e amadurecimento da criança.

### Considerações finais

As primeiras manifestações de semiose nas crianças são as *semioses criativas*, como as primeiras manifestações da capacidade de manipulação com signos.

10. Esta definição está de acordo com o conceito evolutivo de cognição desenvolvido por Peirce. Segundo Santaella (2004, p. 45), para Peirce, toda cognição é determinada por uma cognição que lhe é anterior.

Nesse ponto de estágio cognitivo, desenvolve-se a interpretação ainda em nível diádico. Em consequência desse desenvolvimento, surge a semiose, que é a atividade dos signos, caracterizando a interpretação das crianças de gerarem significados, interpretações no nível triádico em estágios cognitivos específicos, o que confirma as teorias de Peirce (1995). A fase inicial do desenvolvimento cognitivo corresponde, em perspectiva, ao estágio de semiose criativa.

Há dois fatos importantes: (1) as semioses geradas são criativas e evoluem; (2) em um corte diacrônico, ou seja, histórico, há uma evolução no processo de desenvolvimento dessas semioses, ao longo do desenvolvimento linguístico e cognitivo das crianças, há uma evolução quantitativa (reconhecimento de figuras, cenários e palavras) e qualitativa do reconhecimento dos signos. Estas interpretações geradas são formas mais sofisticadas e evoluídas de significados, quando comparadas com as interpretações em idades iniciais.

Os signos evoluem com a maturidade cognitiva dos indivíduos porque a percepção das imagens e do texto também evolui, e isso se deve porque há um aumento qualitativo das experiências no decorrer da maturação cognitiva. Em outros termos, os signos evoluem porque a capacidade de apreensão da experiência e sua consequente simbolização (não podemos esquecer que na fenomenologia de Peirce, quando apreendemos um fenômeno, nós já o apreendemos com o caráter de signo) também evolui, influenciando na capacidade qualitativamente superior de gerar inferências sociais e psicológicas que o interpretante recebe da mente interpretadora. É nesse ponto que a cognição produzida na mente do intérprete evolui.

É no desenvolvimento biológico da criança e na sua história social que ocorre a interação que permite uma interpretação superior. A maturação biológica e o desenvolvimento das funções psicológicas permitem uma interpretação dos signos qualitativamente superior, gerando significados mais evoluídos.

O processo de interpretação das palavras e imagens exige uma organização singular por parte da criança, e chega, nas idades iniciais a uma tarefa que excede a própria capacidade do intérprete. Há necessidade de um esforço intelectual para organizar os signos visuais e, dessa forma, gerar significados efetivos.

Porém, em meio a toda dificuldade de organização destes signos e diferentes naturezas para gerar os significados, a criança consegue interpretar no processo de percepção, e na posterior interpretação, a organização dos significados. É neste ponto que acredito que a criança desenvolve as *semioses criativas* em estágios iniciais de idade. Essa estrutura interpretativa não se assemelha às semioses geradas pela criança em idades superiores, pois ela já consegue interpretar as imagens e as palavras em uma organização lógica de significação que chamei de *semiose orientada*.

Através da observação das semioses nas diversas idades, percebo a existência de "leis de desenvolvimento" dos processos de interpretação de imagens e textos. Interpretar imagens e textos em uma organização lógica de significação, convencional, e usando o código gráfico da língua materna, constitui uma forma elaborada, organizada, altamente qualificada de interpretação que está muito além das interpretações diretas e qualitativamente inferiores que podem ser encontradas nas interpretações das idades iniciais.

Se a teoria das semioses passar a ser considerada como elemento fundamental para o estudo do desenvolvimento da cognição, será constatada a importância do conceito de semiose postulado por Peirce, que constitui um processo de natureza triádica, que inclui em sua estrutura o objeto, o signo e a cognição produzida na mente, apresentando um novo substrato teórico-metodológico para o estudo do desenvolvimento cognitivo. Assim, posso distinguir, no desenvolvimento cognitivo da criança, dois processos que qualitativamente se caracterizam diferentes no curso de sua maturação: as *semioses criativas* e as *semioses orientadas*.

## Referências bibliográficas

- CASSIRER, Ernst. *Antropologia filosófica*. 2 ed. São Paulo: Martinus Nijhoff, 1977.
- COELHO NETTO, J. Teixeira. *Semiótica, informação e comunicação*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- CORREIA, Claudio Manoel de Carvalho. *Semiose e desenvolvimento cognitivo: Estudo sobre as estratégias de construção dos processos significativos em seqüências lógicas*. Rio de Janeiro: UERJ, Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001.
- DANESI, Marcel. *Messages and Meanings: an introduction to semiotics*. Toronto: Canadian Scholar's Press, 1993.
- DEELY, John. *Semiótica básica*. São Paulo: Ática, 1990.
- ECO, Umberto. *Tratado geral de semiótica*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FRAWLEY, William. *Vygotsky e a ciência cognitiva: linguagem e inteligência das mentes social e computacional*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- KENT, Beverley. Charles S. Peirce: *Logic and the Classification of the Sciences*. Kingston and Montreal: McGill-Queen's University Press, 1987.
- LEAKEY, Richard. *A origem da espécie humana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- NÓTH, Winfried. *Panorama da semiótica: De Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume, 1995.
- PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- PIGNATARI, Décio. *Semiótica & literatura*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1987.
- SANTAELLA, Lucia; VIEIRA, Jorge Albuquerque. *Metaciência*. São Paulo: Mérito, 2008.
- SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. *A assinatura das coisas: Peirce e a Literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- \_\_\_\_\_. Peirce's Semioses and the Logic of Evolution. *Signs of humanity: l'homme et ses signens*, Mouton de Gruyter, 1992a.
- \_\_\_\_\_. Difficulties and Strategies in Applying Peirce's Semiotics. *Semiotica*, Walter de Gruyter, n.º 97, p. 401-410, 1993.

- \_\_\_\_\_. *Teoria geral dos signos: Semiose e Autogeração*. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Produção de linguagem e ideologia*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O método anticartesiano de C. S. Peirce*. São Paulo: Unesp, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- \_\_\_\_\_. *John K. Charles Peirce's guess at the riddle: grounds for human existence*. Bloomington: Indiana University Press, 1994.